



Dinâmica da Fruticultura Paulista: aspectos mercadológicos 2013-2017

Em 2017, a fruticultura paulista gerou 64.197 postos de emprego formal¹ e, dispersa em cerca de 553,6 mil hectares, produziu, aproximadamente, 16,9 milhões de toneladas de frutas frescas, ou seja, 45% da produção nacional². Os destaques foram para a quantidade produzida de laranja e de limão, ambas representando 76% do total brasileiro, abacate e caqui, com 56% figo (42%), bem como tangerina e goiaba, com 38% (Figura 1).

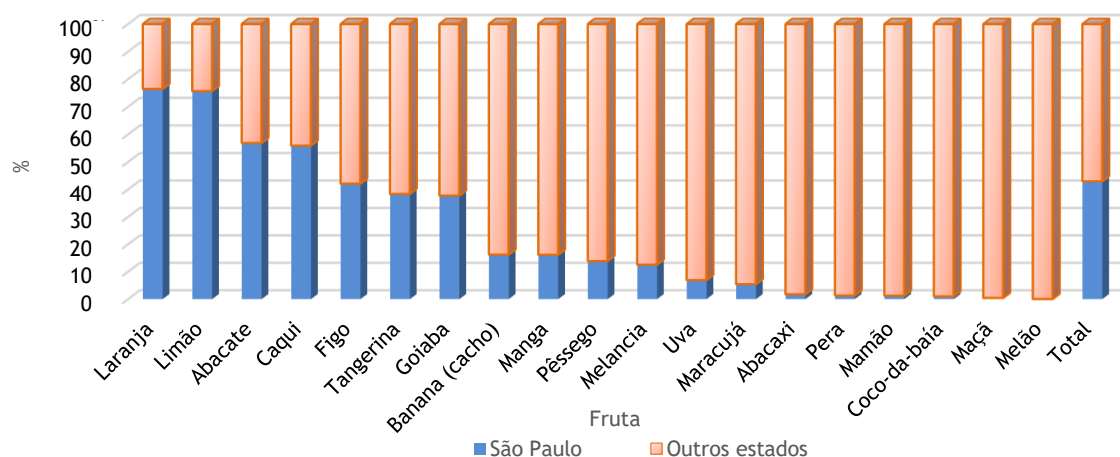


Figura 1 - Participação do Estado de São Paulo na Produção Nacional de Frutas Frescas, 2017.

Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS - IBGE. Produção agrícola municipal: área destinada à colheita, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção das lavouras permanentes. Rio de Janeiro: IBGE/2018. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1613>>. Acesso em: mar. 2019.

Esse desempenho contribuiu para que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estimasse, em 2018, o valor da produção do Estado de São Paulo em R\$10,6 bilhões, o que correspondeu a 32% do valor arrecadado pelo setor frutícola nacional³.

No entanto, embora aparentemente positivas, essas informações não explicitam as alterações na distribuição espacial das frutíferas no Estado de São Paulo e/ou os impactos no saldo da balança comercial que o setor frutícola enfrenta.

As modificações quanto ao uso do solo com frutíferas no Estado de São Paulo podem ser observadas pelo desempenho da área colhida, onde se destacam os cultivos de frutas tropicais.

Nesse texto, consideram-se características do ponto de vista do consumidor, como o sabor (teor de açúcar acentuado), polpa e suco, aspectos usualmente utilizados na rede varejista e atacadista. Dessa forma, incluem-se nessa análise produtos como laranja, limão, tangerina, originado em pés, bem como a melancia, hortaliça de fruto, rasteira, e até a banana, não considerado como fruta.

Inicialmente, um dos pontos a se considerar é que, com exceção da laranja, nem todas as frutas cultivadas em território paulista que se destacam no cenário nacional têm a mesma relevância sob o ponto de vista estadual. Por exemplo, a banana que, apesar de ser a segunda fruta mais cultivada no estado, representa apenas 10,2% do país, pois Estados como a Bahia e Pará, em 2017, responderam pela maior área cultivada, 15,6% e 9,3%, respectivamente.

Comparativamente com o Brasil, em 2017, os laranjais paulistas ocupavam 63,8% da área brasileira. Em seguida vinham limão com 53,8%, caqui com 45,2% e abacate (42,6%)⁴. Mas, numa análise mais restrita ao âmbito estadual, verifica-se que no período 2013-2017, com exceção do limão, cuja área expandiu 12,1%, as áreas paulistas cultivadas com laranja e com tangerina decaíram 9,7% e 4,4%, respectivamente (Figura 2). No entanto, cabe destacar que, até o momento, a redução dessas áreas não interferiu na quantidade produzida provavelmente devido à introdução de tecnologias como o adensamento e/ou de novas cultivares no campo que induzem ao aumento de produtividade tanto para a laranja quanto para a tangerina. A produção de tangerina está distribuída entre 68 municípios paulistas, sendo que apenas quatro concentram 50% da produção: Quintana (9,2%), Iperó (6,9%), Itápolis (6,9%) e Casa Branca, com 33,3% do total da produção.

No que se refere ao declínio da área de laranja com aumento de produção, estudos apontam riscos à melhoria da produtividade da cultura. Por meio do modelo *ETA* foi avaliado o potencial climático e os cenários a partir do aquecimento global para a produção de laranjas na década de 2020-2030, nos três principais municípios produtores: São José do Rio Preto, Araraquara e Limeira⁵. Os resultados apontaram aumento das temperaturas nas três localidades, bem como a possibilidade de secas mais prolongadas em São José do Rio Preto e chuvas em excesso em Limeira, condições que levam a redução na produtividade dos citros. Segundo os autores, temperaturas elevadas e estresse hídrico contribuem para a abscisão dos frutos, sendo que a disponibilidade hídrica tem relação direta com a taxa de crescimento dos frutos, a quantidade e qualidade do suco dos frutos maduros.

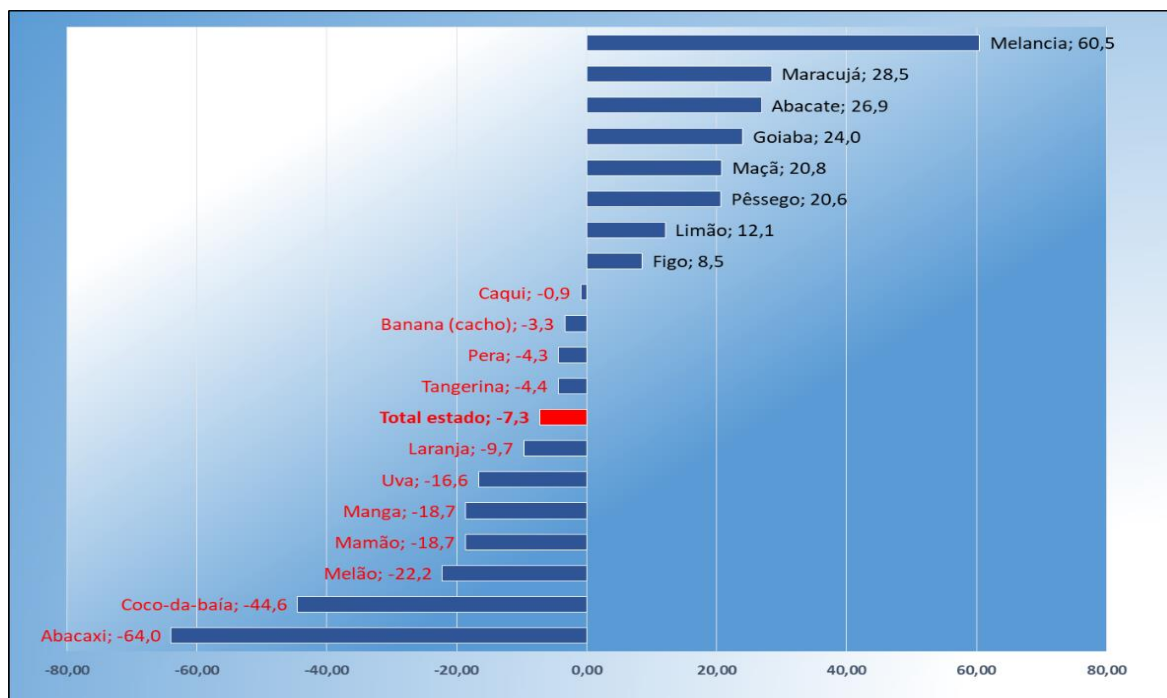


Figura 2 - Variação na Área Colhida com Frutas, Estado de São Paulo, 2013 e 2017.

Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS - IBGE. Produção agrícola municipal: área destinada à colheita, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção das lavouras permanentes. Rio de Janeiro: IBGE/2018. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1613>>. Acesso em: mar. 2019.

Além da reorganização espacial, a laranja deverá passar também por modificações na estrutura mercadológica, pois 82% da produção de laranja era destinada ao processamento de suco com vistas à exportação e 17% ao mercado interno para o consumo *in natura*, e somente 0,6% da fruta fresca era exportada⁶. No entanto, desde 2010 o consumo do suco brasileiro no mercado internacional está estagnado, gerando excedente de laranja fresca no mercado doméstico. Assim, ultimamente o setor tem driblado essa situação aumentando a exportação da fruta fresca e tentando abrir o consumo doméstico para o suco de laranja industrializado 100% natural, uma vez que no Brasil predominam as vendas de néctares, que chegam a conter até 70% de água em detrimento do suco natural⁷.

Além do declínio nas áreas colhidas de laranja e tangerina no Estado de São Paulo, houve reduções também para abacaxi (64,0%), melão (22,2%), mamão (18,7%), manga (18,7%), uva (16,6%), pera (4,4%), banana (3,3%) e caqui, 0,9% (Figura 2). Em compensação, culturas tradicionalmente com menor expressão em área colhida têm apresentado aumentos significativos: melancia, maracujá, abacate, goiaba e maçã, o que pode ser um indicativo de substituição de culturas.

A maçã tradicionalmente cultivada no sul do Brasil vem ganhando espaço nas áreas paulistas. No período que compreende os últimos cinco anos, 2013 a 2017, a área cultivada com maçãs aumentou 20,8% no Estado de São Paulo (Figura 2). Os principais municípios

produtores são Cajati, Sete Barras, Eldorado, Itariri e Registro que, juntos, respondem por 37,0% da área paulista cultivada com macieiras. Tais municípios caracterizam-se também pela tradição na produção de banana, fruta tropical que ocupa o segundo lugar em área dentre as principais frutas cultivadas no Estado de São Paulo (8,8%), mas que nos últimos cinco anos teve uma retração de 3,3% na área destinada à colheita.

São Paulo é o maior produtor de goiaba do Brasil. No período 2013-2017, a área expandiu 24,0% (Figura 2). A produção paulista de goiaba divide-se basicamente em dois grupos: o primeiro destinado à indústria e que perfaz 86% do total do estado, e outro para consumo *in natura*. Os municípios paulistas Valinhos (27,7%), Vista Alegre do Alto (10,4%), Taicú (8,3%), respondem por 46,4% da goiaba de mesa produzida no estado. Já Arealva (20,9%), Taquaritinga (17,9%) e Itápolis (13,8%) respondem juntos por 52,7% da goiaba para a indústria.

No entanto, a região central paulista, tradicional área produtora de cana-de-açúcar e de laranja, vem se destacando com o cultivo da goiaba⁸. O grande estímulo na substituição da laranja pela goiaba, segundo produtor da região, está no preço da fruta: “Uma caixa de goiaba vale 30% a mais do que uma caixa de laranja. Fora que a produtividade de um pé de goiaba, é quatro vezes maior do que um de laranja”⁹. Toda produção de goiaba dessa região destina-se à indústria de alimentos, que recebe 1.000 toneladas por dia. A principal indústria processadora é a Predilecta, sediada em Matão (SP), e que tem 350 produtores parceiros que cultivam entre 900 e 1.000 hectares¹⁰. A empresa também produz tanto no município quanto nos arredores. Do volume total recebido pela Predilecta, 70% têm como destino o mercado interno, sendo 90% utilizados para a produção de doces. Os outros 30% são destinados a produção de polpa e destinada ao mercado externo.

O abacate tem seu domínio no Estado de São Paulo com 56% da produção nacional (Figura 1). Os abacateiros distribuem-se por quase todo o estado, no qual se destacam as produções de Jardinópolis (9,2%), Mogi Mirim (8,4%), Altinópolis (8,4%) e Aguaí (8,0%). No quinquênio 2013-2017, a área paulista com abacateiros cresceu 26,7% (Figura 2). Do total da fruta comercializada na Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP), os abacates tropicais representam 98,7%, e os avocados, 1,28%¹¹. A denominação avocado identifica as cultivares hass e fuerte originados nos Estados Unidos e no México, as quais são valorizadas pelo seu tamanho reduzido e alto teor de lipídeos¹².

Os avocados são adequados para preparações salgadas, que, aliás, é a maneira como o abacate costuma ser consumido no restante do mundo. A principal empresa que comercializa os avocados é a Jaguacy, localizada em Bauru. Ela produz em parceria com agricultores de São Paulo, Minas e Goiás, e detém 85% do mercado da fruta do país. A empresa exporta 90% da sua produção.

A área com maracujá registrou crescimento de 28,5% no período (Figura 2) e, apesar disso, são recorrentes os períodos de oscilações na área cultivada e volume produzido no Estado de São Paulo, o que pode indicar em médio prazo nova redução de área. Tais alterações decorrem de ordem econômica (maior demanda pela fruta), clima, pragas e doenças, sendo as mais comuns o vírus do endurecimento dos frutos do maracujazeiro (VEFM) e a fusariose - fungo que ataca os solos inviabilizando o replantio da cultura¹³.

No passado, a produção era concentrada no Vale do Ribeira, mas, devido aos problemas fitossanitários já citados, apenas o município de Iguape manteve a tradição na região, produzindo 7,5% do total do estado. Atualmente 50% da produção está polarizada em 11 municípios com destaque para São Miguel Arcanjo (7,1%) e Mariápolis (5,7%).

Dentre as frutas, a melancia foi a que teve o maior aumento de área, 60,5%. Enquanto a melancia apresentou queda de rendimento em 6,3% para o Brasil, em São Paulo houve incremento de 4,0%, aumentando a competitividade do estado frente aos demais produtores que, devido a incidência de pragas decorrentes da alta umidade, tiveram perda de produtividade. Esses efeitos climáticos elevaram os custos de produção dos estados produtores de melancia restringindo-lhes a margem de lucro. Em São Paulo, os produtores não enfrentaram esses problemas: os preços praticados e custos reduzidos têm estimulado a expansão de área da cultura¹⁴. A produção paulista em 2017 foi de 290 mil toneladas, destacando-se Oscar Bressane com 17,4%, Itápolis com 4,9%, e Pongaí com 4,0%, montante capaz de abastecer o consumo doméstico.

De acordo com o exposto, deve-se considerar que as informações positivas da mídia com relação ao sucesso da fruticultura paulista omitem alguns problemas que precisam ser solucionados. Percebe-se que, apesar do aumento do cultivo da maioria das frutíferas mencionadas, essa expansão não tem sido suficiente para suprir o consumo estadual, culminando na necessidade de importações e repercutindo no *deficit* da balança comercial, uma vez que o volume importado da maioria das frutíferas tem sido superior à quantidade exportada (Figura 3).

O Estado de São Paulo é autossuficiente na produção de melão, melancia, goiaba, mangostões e manga (Figura 3). No entanto, nos últimos anos a quantidade exportada dessas frutas tem diminuído. No último ano a manga contribuiu com 6,0% das exportações estaduais. A produção de manga concentra-se na região de Jaboticabal, com destaque para Monte Alto (28,0%), Candido Rodrigues (8,8%) e Taquaritinga (8,0%).

O figo se aclimatou muito bem em Valinhos. A cidade é a segunda do país em área plantada (perde apenas para a vizinha Campinas)¹⁵. Frente a um declínio de 7,9% na área cultivada nacional, o Estado de São Paulo registrou aumento de 8,5%, o que contribuiu para o *superavit* comercial da fruta de US\$5,1 milhões (Figura 3).

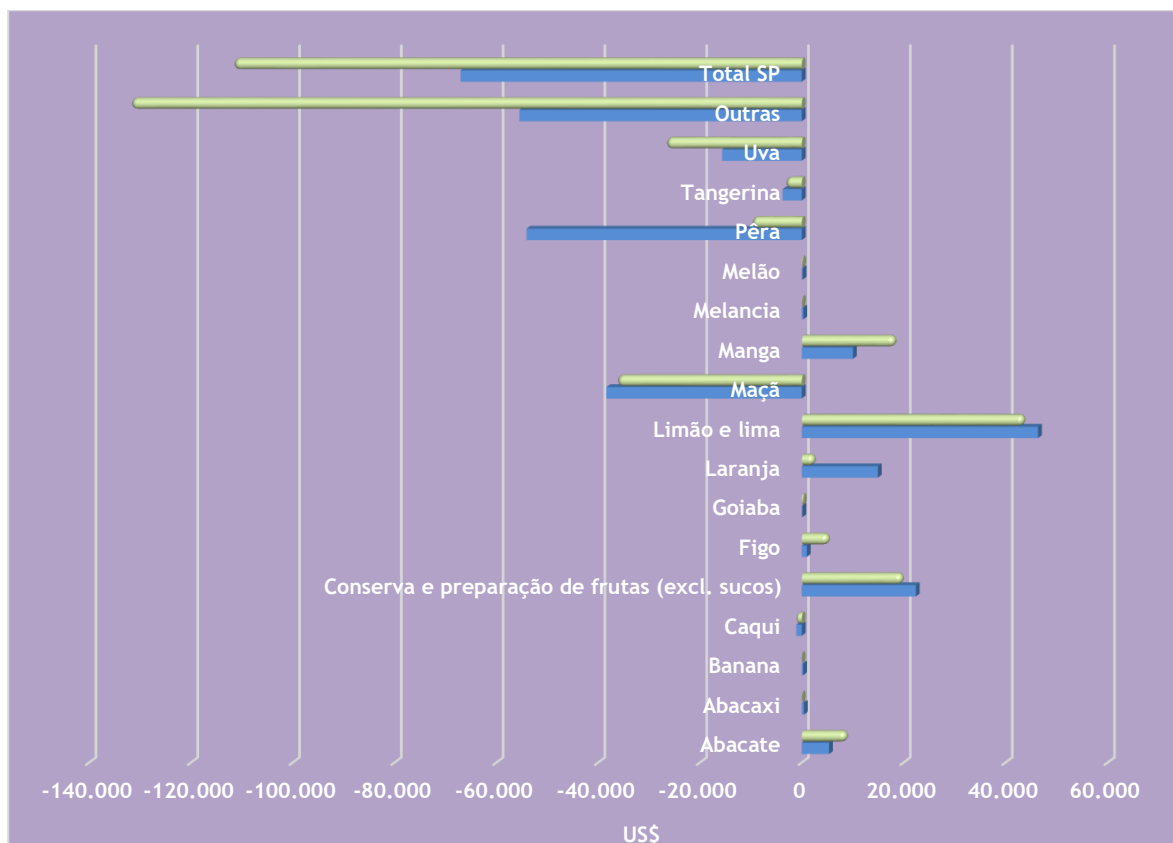


Figura 3 - Saldo da Balança Comercial das Principais Frutas, Estado de São Paulo, Média do Triênio 2015-2017.

Fonte: MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO - MAPA. Agrostat. Brasília: MAPA, 2018. Disponível em: <<http://agrostat2.agricultura.gov.br/index.htm>>. Acesso em: mar. 2019.

Em média, no triênio 2015-2017, culturas como pera, maçã, uva, tangerina e caqui têm acentuado o *deficit* da balança comercial, registrando US\$77 milhões em importações. Agrava-se o saldo negativo da balança com a importação de “outras frutas” menos tradicionais, cuja ordem de dispêndio foi de US\$131 milhões.

Ainda assim, frutas como limão, manga, abacate e figo têm contribuído para atenuar o *deficit* estadual, pois suas exportações no triênio em média atingiram US\$78 milhões.

Chamam a atenção as alterações no padrão de consumo alimentar da população mundial, cuja preferência tem se voltado para as frutas processadas em detrimento das *in natura*. O aumento das exportações de “conservas e preparações de frutas (exceto suco)” tem contribuído para minimizar o *deficit* da balança estadual, que na média do triênio foi de US\$19 milhões.

¹MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Relação anual de informações sociais**. Brasília: MTE/2018. Disponível em: <<http://pdet.mte.gov.br/acesso-online-as-bases-de-dados>>. Acesso em: mar. 2019.

²INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS - IBGE. **Produção agrícola municipal**: área destinada à colheita, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção das lavouras permanentes. Rio de Janeiro: IBGE/2018. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1613>>. Acesso em: mar. 2019.

³Op. cit. nota 2.

⁴Op. cit. nota 2.

⁵AVILA, A. M. H. et al. O efeito das mudanças climáticas na produção de citros para algumas localidades do estado de São Paulo. In: Congresso Brasileiro de Agrometeorologia, 27., jul. 2011, Guarapari, ES. **Anais eletrônicos...** Guarapari: SBAGRO, 2011. p. 1-5.

⁶NEVES, M. F.; LOPES, F. F. **Estratégias para a laranja no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2005. 225 p.

⁷EXPORTADORES de suco de laranja se voltam para o Brasil. **Revista Globo Rural**, São Paulo, s. d. Disponível em: <<http://revistagloborural.globo.com/Revista/Common/0,,ERT339312-18532,00.html>>. Acesso em: mar. 2019.

⁸CASTRO, R. Lavouras de goiaba avançam sobre áreas de cana e laranja em SP. **Revista Globo Rural**, São Paulo, 8 abr. 2018. Disponível em <<http://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticia/2018/04/lavouras-de-goiaba-avancam-sobre-areas-de-cana-e-laranja-em-sp.html>>. Acesso em: 2 mar. 2019.

⁹Op. cit. nota 8.

¹⁰CAETANO, M. Safra de goiaba deve crescer até 8% em São Paulo. **DCI**: fruticultura, São Paulo, 25 out. 2018. Disponível em: <<https://www.dci.com.br/agronegocios/safra-de-goiaba-deve-crescer-ate-8-em-sp-1.752314>>. Acesso em: 5 mar. 2019.

¹¹ALMEIDA, G. V. B. O abacate no mundo, no Brasil e na CEAGESP de São Paulo. **Toda Fruta**, São Paulo, s. d. Disponível em: <<https://www.todafruta.com.br/wp-content/uploads/2018/08/ABACATE-4.pdf>>. Acesso em: mar. 2019.

¹²FRANCISCO, V. L. F. S., BAPTISTELLA, C. S. L. Cultura do abacate no estado de São Paulo. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 35, n. 5, p. 27-41, maio 2005. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/ftpiea/ie/2005/tec3-0505.pdf>>. Acesso em: mar. 2019.

¹³BEZERRA, L. M. C.; FREDO, C. E.; MELETTI, L. M. M. Cultivo de maracujá-amarelo no estado de São Paulo: principais características a partir do levantamento das unidades de produção agropecuária, ano-safra 2007/2008. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 35-46, mar./abr. 2016. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/ftpiea/publicacoes/ie/2016/tec4-0416.pdf>>. Acesso em: mar. 2019.

¹⁴HORTIFRUTI BRASIL. **Anuário 2018-2019**: melancia, São Paulo, ano 17, n. 185, p. 35-36, dez. 2018/jan. 2019. Disponível em: <<https://www.hfbrasil.org.br/br/revista/acessar/completo/anuario-2018-2019.aspx>>. Acessado em: mar. 2019.

¹⁵CAMPO, K.; GALERA, V. Conheça o caminho do figo brasileiro, do campo ao Canadá. **Revista Globo Rural**, São Paulo, 31 maio 2018. Disponível em: <<https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Agricultura/Hortifruiti/noticia/2018/05/conheca-o-caminho-do-figo-brasileiro-do-campo-ao-canada.html>>. Acesso em: mar. 2019.

Palavras-chave: mercado de frutas, fruticultura, balança comercial.

Silene Maria de Freitas
Pesquisadora do IEA
silene@iea.sp.gov.br

Carlos Eduardo Fredo
Pesquisador do IEA
cfredo@iea.sp.gov.br

Liberado para publicação em: 25/03/2019